

Fronteiras do local: reverificação do conceito de regionalismo

Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos¹

Resumo:

Com o advento do século XXI e a expansão da globalização cultural, alguns conceitos críticos e operacionais, relativos à vida da literatura, e da cultura enquanto história dos textos, acabam sofrendo reformatações outras, questionando as perspectivas binárias que formataram o projeto moderno no século passado. Em particular, as noções de região e regionalismo e suas confluências em “regiões culturais”, não só tiveram suas perspectivas “defasadas”, mas colocaram em demanda uma outra “situação crítica”, voltada para a “permanência” do local e da aldeia. Esta comunicação volta-se para a revisão do Regionalismo como renovada categoria trans-histórica, cujo conceito operatório torna-se validado, hoje, em sua análise, para explicar os atuais transladamentos culturais e ao que o discurso crítico latino-americano denomina “transculturação narrativa”.

Palavras-chave: Crítica, Literatura Comparada, Regionalismo, América Latina, Estudos Culturais

Introdução

Este ensaio visa à verificação da perspectiva crítica contemporânea acerca do conceito de regionalismo e regiões culturais, com base na crítica literária e cultural latino-americana, sublinhando a natureza e função de um conceito e o lugar de enunciação da crítica para melhor entender sua operacionalização nos estudos de literatura e cultura na contemporaneidade. Dentro do amplo painel geográfico que constitui o caráter matizado da discussão acerca do regionalismo no continente, interessa-nos discutir, além dos significados ressemantizados em torno de um conceito específico, a situação de uma região cultural em particular: a do entorno do Pantanal Sul-matogrossense. A reflexão a partir deste *locus* específico justifica-se por um processo de formação cultural particular que, temperado por outros processos culturais diversificados, oferece-se hoje como um rio caudaloso a reunir o próprio e o alheio, num produtivo universo cultural, constitutivo de um receptáculo para os estudos regionais, culturais e interculturais.

2 – A crítica cultural contemporânea, ou a reverificação de um conceito.

A discussão acerca do conceito de regionalismo ganha ressonâncias exponenciais, sobretudo a partir de Antonio Candido. Para o crítico brasileiro, formulador das três fases do romance latino-americano – regionalismo pitoresco, regionalismo problemático e super-regionalismo –, essas fases corresponderiam às três fases da consciência cultural. Em especial, a fase do super-regionalismo, analogia a surrealismo ou super-realismo, como sublinham Diniz e Coelho (2005, p. 426), e que corresponderia à consciência dilacerada do subdesenvolvimento, da qual é tributária a obra de Guimarães Rosa, solidamente estabelecida no solo de uma universalidade da região. (Candido, 1979, p.361-362). A análise de Candido parece ter se justificado, quando de sua formulação, ao corresponder a um momento específico do projeto moderno, que ansiava pelo lugar da interdependência cultural, assim rasurando e superando traços da “dependência”. No entanto, hoje, num momento de globalização cultural, as discussões ganham foro novo e repõem questões não só de revisão, mas de afirmação no trato das peculiaridades e das produções simbólicas ligadas a certa região

¹ Paulo Sérgio Nolasco dos SANTOS, Prof. Dr. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
paulonolasco@uol.com.br

e ao que nela se processa e produz enquanto constitutiva de regionalismos; o que faz manter-se ainda hoje a validação do regionalismo enquanto espaço de interferência na economia global da cultura.

Moreiras (2001) propõe um enfoque renovado e interessante. À idéia de super-regionalismo, o crítico contrapõe a de **subalternismo**, acentuando-se a necessidade de revisão dos paradigmas críticos, especialmente dos discursos disciplinares das ciências humanas e sociais, que tinham sido pensados para representar o funcionamento das sociedades e intensamente delimitados em função da vontade de constituição das nações/nacionalidades. Moreiras consegue formular uma análise rentável para a reavaliação do elemento regional, na medida em que o subalternismo constitui a reação, ou antes, ele “é” a crítica da dependência cultural e da interdependência postos em perspectiva, espectralmente. Daí que a validação do super-regionalismo como proposta crítica, sua vontade de integração, reflete mera auto-integração hegemônica, torna-se avatar de exclusão de inúmeras “formações culturais subalternas na América Latina”. Segundo Moreiras, trata-se agora de redesenhar os paradigmas críticos, uma vez que o conceito de super-regionalismo teria triunfado justamente porque se tornou ele mesmo *uma auto-integração meramente hegemônica*. Auto-integração constitutiva da exclusão do subalterno latino-americano, ou, como enfatiza o crítico, exclusão das **tantas formações culturais subalternas na América Latina**. (p. 207). Com efeito, Moreiras, ao estabelecer um debate produtivo com o conceito de super-regionalismo, num sentido mais amplo das narrativas do continente, questiona e ressignifica a perspectiva de Candido, pontuando principalmente o *locus* de enunciação fundador da heterogeneidade cultural. Como alternativa ao colapso da modernização e da exaustão do super-regionalismo, insolvente diante da condição fragmentada das sociedades latino-americanas, o subalternismo justifica sua permanência mediante o retorno do regionalismo, fustigado pela crise neoliberal, propondo uma questão assim reformulada: a do privilégio epistemológico, ou seja, de qual lugar geocultural hoje interessa falar para a obtenção de uma posição crítica re-formada? (Moreiras, 2001, p. 206-210).

Dentro dessa perspectiva, num prolongamento do questionamento de Moreiras, o crítico uruguaio Hugo Achugar assume posição teórica muito rentável e produtiva. De fato, hoje estamos diante de outras posições teóricas, não só reformuladas como ressemantizadoras das anteriores. Achugar (2006) reitera e prolonga a importância da tese do lugar de onde se fala ou a partir de onde se teoriza. Com Achugar, a paisagem da “memória” vem acrescentar-se à constituição das subjetividades contemporâneas, considerando, por exemplo, a proposta do Rio da Prata como *locus* de enunciação do crítico uruguaio, por tratar-se de uma “região fortemente atravessada nestes tempos pós-ditatoriais pelo debate em torno da memória coletiva”. (Achugar, *apud* Diniz ; Coelho, 2005, 430). Também vem de Achugar uma importante reflexão sobre as **heterogeneidades** latino-americanas com base nos lugares, nas paisagens e territórios, enfatizando que o processo de homogeneização e/ou globalização faz aflorar **diferenças e integrações [que] apresentam uma dinâmica própria e as paisagens culturais funcionam em vários e múltiplos tempos e direções**. A partir daí, sublinha-se a queda do pressuposto da universalidade da literatura, numa crítica contundente ao eurocentrismo, bem como aos atuais processos de globalização econômico-financeira, de mundialização da cultura, de integração regional e de migração planetária, que tenderiam, assim, se não a apagar, a relativizar os limites e os espaços nacionais, o que, entretanto, segundo Achugar, não implica o desaparecimento do “local”. O “monstro ubíquo” é o que conhecemos por globalização e seu reflexo no mercado, pois seu maior efeito no âmbito literário é uniformizar a cultura, eliminando as particularidades regionais. Chama a atenção o crítico para o que parece ser crucial na sua análise, ou seja, a permanência da aldeia e do aldeão ao lado de todas as transformações tecnológicas, pouco variando, em muitos aspectos, a posição dos sujeitos na contemporaneidade cultural latino-americana:

O aldeão vaidoso continua existindo nesse presente, mesmo se possuir ou não antenas parabólicas, esteja ligado ao rádio, a vários canais de televisão – aberta, direta ou a cabo –, seja um adepto à Internet, consuma diversos meios de imprensa es-

crita, marcas de jeans, ou classes de hambúrgueres, e seja cidadão do eufórico Mercosul, do agônico Pacto Andino, ou do complicado Nafta. (Achugar, 2006, p.83).

Interessa-nos, da perspectiva de Achugar, o firme posicionamento acerca da situação crítica que envolve o global e o local, uma vez que renova ampliadoramente a chave da heterogeneidade, ao contemplar as “margens” e sobras da nação moderna, assimilando-as ao nacionalismo e ao regionalismo enquanto possibilidades de resistência cultural, pontuando que há outros lugares, **outras fronteiras não identificáveis com o desenvolvimento ou o ‘progresso’ tecnológico, que permitem considerar a possibilidade de que esse aldeanismo subsista em meio ao fluxo cultural e migratório dos computadores, faxes, correios eletrônicos, políticas internacionais ou associações supranacionais.** Sobretudo, ainda, o mencionado aldeanismo, ou forte localismo, operaria através das peculiaridades locais como um desconstrutor do imaginário global e transnacional contemporâneos. Isso equivale a dizer que o ciberespaço continua reproduzindo traços de uma antiga cartografia, quando visto da América Latina, e não anula antigas referências localizadoras e tampouco o uso e instrumentalização que dele faz cada indivíduo em sua vida cotidiana, gerando um produto simbólico distinto. Daí tornar-se fundamental, para Achugar, a tese segundo a qual pensar a partir da América Latina é pensar a partir da periferia: “Periferia não qualifica nem desqualifica um pensamento, mas o situa.” (p. 90).

Desta perspectiva, o próprio entendimento sobre “região” precisa ser revisitado. Trata-se de compreendê-la como dinâmica de um processo, onde a relação entre região, espaço e representações, subsumidas no texto e nas demais manifestações culturais, reflita as diversificadas formas de representação. Segundo as propostas do argentino Ricardo Kaliman,

[...] uma região não é, na sua origem, uma realidade *natural*, mas uma divisão do mundo estabelecida por um ato de vontade, [...]. A região deixa de ser um espaço *natural*, com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente, cultural e literária. (Kaliman, *apud* Boniatti, 2000, p.85-86).

Uma região, assim, prefigura, compartilhando, uma das premissas básicas do Comparativismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares. Ao analisar as fronteiras do cone sul, Masina sublinha que a “a História dos países do Cone Sul estrutura-se em torno da figura do *contrabando*”, por isso deixando entrever “situações que a Literatura Comparada modernamente contempla: o da **contaminação**, o da **migração de temas**, o da **intertextualidade**, o da **interdisciplinaridade**.” (Masina, 1995, p. 845).

1.1.1 3 – Regionalismo: um conceito problemático

Se, conforme Cosson (1998), o regionalismo, por si só, é duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e como representação literária de uma determinada região do país, e, ainda, se a distinção entre **o regionalismo e a literatura regional/sistema literário regional** deve ser preservada pela alusão e semantização de “conteúdos” específicos, além de agenciar gêneros e/ou formas diferentes, bem assim a proposta de caracterização de uma “região cultural” parece justificar-se de modo especial quando se consideram os cruzamentos entre mais de um território nacional – como é o caso da questão aqui apontada e formulada como problema, a região cultural do extremo oeste do Brasil, no Centro-Sul do estado de Mato Grosso do Sul. Trabalhos nesse sentido vêm sendo desenvolvidos no Sul do Brasil e no Norte, como bem demonstram os estudos de Boniatti (2000) e de Cosson (1998). A região cultural objeto de nossa reflexão mostra-se como uma das regiões sociologicamente mais importantes do país: a do **Melting-pot** da fronteira Brasil-Paraguai. Trata-se da região que fez

germinar um escritor como Helio Serejo, dos mais singulares da literatura regional brasileira, comparado a Jorge Amado e autor de mais de sessenta obras literárias. A extensa área territorial que recobre o *chaco* paraguaio - região limítrofe com o Paraguai - guarda em sua história e cultura traços de identidade comum. A história dessa região do extremo oeste do Brasil pode ser revisitada a partir de perspectivas tão variadas como múltipla é a constituição identitária dela mesma.

Deve-se assinalar a complexidade da questão. A crítica cultural contemporânea recoloca tanto a questão do nacionalismo como a do regionalismo, reconhecendo uma assimetria e desigualdade no elemento regional brasileiro, por exemplo, que propõe estabelecimento de linguagens próprias. De modo geral, os estudiosos do regionalismo têm sublinhado cada vez mais a pertinência e atualização do regionalismo, que não se tornou categoria ultrapassada. De igual modo, um olhar reflexivo constata que o regionalismo *stricto sensu* é representado ainda hoje através das peculiaridades de uma dada região, vista em oposição às demais ou à totalidade nacional, seja em decorrência de um fundo natural - clima, topografia, flora, fauna, etc. - e principalmente pelo “como” as maneiras de uma sociedade humana, numa dada região, a tornaram distinta de outra. A arte regionalista, assim, buscaria exprimir sua “substancia” do local, enfatizando os elementos diferenciais que a caracterizam enquanto regional. (Diniz ; Coelho, 2005, p. 416-417). Todavia, a isto cabe fazer notar a preexistência do sertão e do sertanismo como topos anterior à caracterização do regionalismo, uma vez que, ao qualificar as diversas regiões interioranas do país, compondo o todo nacional, o sertão é aquilo que o caracterizou na literatura sertanista designa as regiões interioranas, de população escassa, cujos costumes e padrões culturais são ainda rústicos. Ao mesmo tempo em que se antepõe aos diversos regionalismos formadores do todo nacional, o sertanismo mantém influxos e compartilha com o regionalismo um *ethos* comum, com ambos compartilhando uma base, mas diferenciando-se na utilização que fazem do espaço. Ao designar regiões interioranas do país, tanto se poderia falar de sertanismo diante de obras como *Inocência*, de Taunay, ou de *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa. Diante de diversas obras, assim reunidas sobre a categoria de regionalistas, caberia ainda refletir sobre a hipótese da existência, das caracterizações e/ou estilos de regionalismos nessas mesmas obras literárias. Visto como uma forma romântica precursora do regionalismo realista, o sertanismo remonta às inúmeras páginas dos narradores-cronistas-sertanistas que transformaram o sertão em personagem da literatura e da historiografia². Salienta-se ainda o fato de parcela significativa das narrativas românticas construírem um *ethos* direcionado mais a afirmação do elemento nacional e integrador do que regional, como se constata nos românticos, com Alencar exemplificando esta tendência, onde o sentido particularista que caracteriza o regionalismo praticamente inexistente. O que, de outro modo, não oblitera o reconhecimento de que algumas obras românticas se utilizam de tipos regionalmente configurados - o gaúcho, o vaqueiro cearense - para a consecução de uma dimensão nacionalista, apesar da presença de tipos considerados *lato sensu* como regionalistas. Com Alencar, em *O gaúcho* e *O sertanejo*, ao mesmo tempo em que se patenteia a evolução do romance regionalista brasileiro, essas obras realizam a transição entre o indianismo nacionalista (*O guarani*) e o regionalismo particularista. (Diniz ; Coelho, 2005, p. 421).

Com efeito, a discussão sobre o nacionalismo e regionalismo como pólos antitéticos não se resolve ainda nestes termos, pois a crítica debate-se na dificuldade do uso de certos vocábulos, que, neste caso, resultam freqüentemente inter-relacionados, tendo às vezes o termo “localista” servido para a caracterização da literatura que provém da palavra região, atendendo uma divisão territorial, quer nos usos, nos costumes, quer na cultura.³ De fato, o tratamento dispensado ao regi-

² A transformação do sertão em personagem da literatura e da historiografia tornara-se importante legado a ser explorado pelo autor de *Grande sertão: veredas*. As obras de SPIX, J.B.; MARTIUS, C.F. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. 3v. e de WELLS, J. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil: do Rio de Janeiro ao Maranhão*. 2v. 1886, oferecem ampla e copiosa narrativa sobre o sertão e o sertanejo. (Cf. Bolle, 1999 e Assunção, 1996).

³ O crítico José Paulo Paes, em artigo na *Folha*, discute os usos da terminologia, objeto do ensaio “Regionalismo e localismos” de Elvo Clemente, na coletânea *Regionalismo sul-rio-grandense* (1996, p. 13).

onalismo continua tributário do olhar historiográfico e do socioleto romântico, que visa à valorização do nacionalismo como vertente do nacional, fixando seu olhar na pintura da natureza e de uma “natureza tipicamente brasileira”, quase sempre fixando-se na cor local ou no que é de origem local. O regionalismo, enclausurado, ora promove rivalidades entre regiões e possui um conteúdo de limitação, ora como literatura regional encontra-se restrito à exploração do pitoresco e do que é típico de uma região. Entretanto, cabe assinalar o fato de que, se toda obra de arte é regional, isso não elimina seu componente de nacionalidade e universalidade. (Rouanet, 1999, p. 9-30). Assim regionalismo e/ou localismo põem em demanda, por um lado, uma atitude de valorização da cor local na ficção, a paisagem da campanha, paisagem interiorana, paisagem fronteiriça, influxos de migrações e ainda, por outro, abrem-se de modo positivo para uma reflexão mais ampla e integradora da dialética globalização *versus* localização, constituindo a perspectiva crítica atualmente mais produtiva, baseada num discurso crítico latino-americano hoje solidamente constituído. Para essa perspectiva, revitalizada através dos debates da crítica cultural contemporânea, é que se deve centrar nossa reflexão, buscando nas tensões e fissuras do projeto moderno aquilo que nos permite rever antigas cristalizações teóricas e/ou críticas na área desses estudos, para, sobretudo, fazer ver e fazer retornar o que se tinha perdido, banido da república das letras, mas que se mostra enquanto permanência do local, da aldeia, substância da cultura que re-vive, re-nascida pelos fluxos, influxos e refluxos da atual globalização. Que enfim já demonstra sinais daquilo que realmente não é – nem global, nem globalização cultural.

Nesta perspectiva, integrando o perfil de regionalismos culturais⁴, destacam-se algumas das localizações que aqui interessam mencionar, como descreve o poeta Manoel de Barros, situando sua produção a partir da região do Pantanal, que, na prosa intitulada *Livro de pré-coisas* e subintitulada *Roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (1985), tematiza o local da enunciação, chamando a atenção para os *deslimites do vago*. Uma vacuidade de campo aberto, de horizonte largo, que nos aproxima também, que associa as paisagens de um país grande e vários como o Brasil, unindo o cenário da região do poeta com o pampa gaúcho, com o sertão mineiro, com a floresta amazônica, permitindo que, nos múltiplos cantos do país, em geral sob uma formulação particular de inventiva oral com raízes na voz do povo, se construa uma verdadeira caixa de ressonâncias, um ecoar de sons variados que têm entre eles, com certo ar de família. Decorrendo daí uma espécie de resposta, uma voz em uníssono, encontrada nas narrativas e causos do vaqueano Blau Nunes, personagem de Simões Lopes Neto e da conhecida e apreciada “Trilogia do Gaúcho a Pé” de Cyro Martins, que substitui o velho herói guasca, no Sul, no auto-diálogo interminável de Riobaldo, protagonista roseano de *Grande sertão: veredas*, no Centro, na poesia de *Cobra Norato*, do Norte visitado por Raul Bopp, na fala de Manoel de Barros em terras do Pantanal; lugares inaugurais que, na voz de Barros, podem também estar expressos na de qualquer um dos outros autores mencionados: **Os homens tocavam gado. As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.** (Barros, 1985, p. 37).⁵ Ainda, compondo o formidável entretecer da oralidade no continente latino-americano, registra-se a gauchesca rio-grandense, engendrada no meio rio-platense, num visível influxo platino na literatura gaúcha, principalmente com o muito influente *Martín Fierro*, famoso poema de José Hernández e fundador da literatura argentina, ao qual Borges dedicou importante reflexão⁶. Com uma fabulosa fortuna crítica, a personagem *Martín Fierro* continua renascendo através de outras formas poemáticas e conteúdos retomados e ressemantizados, como se constata nas trovas do famoso bandoleiro Silvino Jacques que se imortalizou por suas façanhas na região de fronteira Brasil-Paraguai. Em torno da figura desse bandoleiro, orientei a importante pesquisa *Silvino Jacques: entre fronteiras reais e imaginadas* da professora Maria de Lourdes G. de Ibanhes. Vários pesquisado-

⁴ No simpósio “Regionalismos culturais: trocas, transferências, traduções”, por mim coordenado no X Congresso ABRALIC (2006), encontram-se importantes análises/discussões sobre região e regionalismos culturais.

⁵ Cf. Nesta perspectiva os excelentes ensaios “Interfaces da literatura comparada” e “Relendo ‘O gaúcho a pé’” de Tania F. Carvalho.

⁶ Jorge Luis Borges em *O Martín Fierro* (com colaboração de Margarita Guerrero). Porto Alegre: L&PM, 2005.

res latino-americanos, dentre os quais Ricardo Kaliman⁷, Zulma Palermo⁸ e Léa Masina,⁹ reconceituam a região como *constructo* teórico, levando em conta o substrato cultural e os processos desencadeados num espaço determinado. Atitude também assumida pelo trabalho concreto de escritores cujo *locus* de enunciação se encontra longe dos centros legitimadores da cultura, como é o caso de José Clemente Pozenato, autor de *O Quatrilho*, no Sul do Brasil. Como bem observa Léa Masina:

Nesse sentido convém lembrar que a produção literária regional se produz pela fusão de elementos provenientes da tradição oral, da cultura popular ibérica, com textos absorvidos de outras literaturas. O que ocorre com o regionalismo pode ser, nesse sentido, considerado uma mudança de chave, resguardadas as ressonâncias dessas passagens. (Masina, 2002, p. 98-99).

Dáí verificar-se que elementos comuns numa dada região, como no caso da região amazônica, no Norte, com a épica de seus heróis viajantes, personagens sempre de passagem mas que acabam presos no solo viscoso da selva amazônica, enredados em cipós e na imensidão da selva verde, encontram ressonância na região da fronteira Brasil-Paraguai, no extremo Sul da região Centro Oeste. Lá, a narrativa paradigmática d' *A Selva* de Ferreira de Castro e *Relato de um certo oriente* de Milton Hatoum; aqui os relatos regionalistas acerca da extração da erva-mate, nas obras *Os heróis da erva*, *Vivência ervateira* e *No mundo bruto da erva-mate*, de Hélio Serejo, e *Selva trágica* e *Chão bruto* de Hernâni Donato. Em ambas as regiões a selva é reflexo de suas histórias de vida e descrevem um mundo distante e periférico, tratando das condições de barbárie dos que ali nasceram e viveram.

Com longa história de vida dedicada à observação da cultura regional, Serejo escreveu exatos sessenta volumes, formando um imenso painel de análise de aspectos tão múltiplos quanto originais na abordagem das questões lingüísticas e literárias a partir da convivência com os ervateiros, à época gloriosa da extração da erva-mate. Sua obra dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa “hinterlândia” inóspita. Retrato de um período de grande empreendedorismo que reuniu a região fronteira do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina. Este eminente regionalista da fronteira parece ter formatado a tradução cultural da região, tornando-se ele próprio uma espécie de mimetismo da cultura deste Brasil Meridional, no extremo Oeste e Centro-Sul do estado, cujas palavras de enunciação são dele mesmo:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiro que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas esse (vento) vadio [...] Eu vim dos ervais, do fogo dos ‘barbacuás’, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas [...] Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo [...] Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvente dos tempos [...] Fui gemido de carreta [...] Amei imensamente, o vazio aberto. (Serejo, *apud* Lins, 2002, p. 34).

⁷ Ricardo Kaliman é autor, entre outros, de *La Palabra que Produce Regiones. El Concepto de Region desde la Teoría Literaria* (1994).

⁸ Professora da Universidade de Salta, dirige pesquisas literárias voltadas à Sociocrítica. Autora do ensaio “El constructo ‘región literaria’: problemas y perspectivas” (1995).

⁹ Professora da UFRGS, pesquisadora dos regionalismos culturais. Autora do ensaio “A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo” (2002).

Como no “lirismo sintético” da escritura regionalista Raquel Naveira, autora de *Guerra entre irmãos – Poemas inspirados na Guerra do Paraguai*, e de *Caraguatá*, cujo subtítulo *Poemas inspirados na Guerra do Contestado* também enfoca um evento histórico ocorrido nesta região cultural. (Ramalho, 2005, p. 141-149). Com efeito, a produção narrativa sobre a Guerra do Paraguai tem merecido vários relatos de escritores regionalistas, alguns premiados, como é o caso de *Cunhataí – Um romance da Guerra do Paraguai*, de Filomena Lepeck, e *O Livro da Guerra Grande* do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, do brasileiro Eric Nepomuceno, do argentino Alejandro Maciel e do uruguaio Omar Prego Gadea – escrito a quatro mãos.

Nessa região cultural do extremo oeste do Brasil, **de onde eu venho** – segundo a canção de Almir Sater –, sob as noites estreladas dos céus guaranis e dos primeiros acordes maviosos da Guarânia, floresceu um dos elementos mais vivos de troca de experiências, exemplo de feliz convivência: o conhecido ritmo da Guarânia, música típica da região, imortalizada em “Saudade”, letra de Mário Palmério. Também, representando a alma sertaneja, Almir Sater, na Guarânia “Sonhos guaranis”, refere o fato de que, não fosse a guerra, seríamos um outro país e que somos da **fronteira onde o Brasil foi Paraguai**.

Diversidade essa que caracteriza o olhar da crítica cultural contemporânea, no continente latino-americano, ao denunciar intenções político-ideológicas durante o período de construção dos estados nacionais, atuando no sentido de anular quaisquer influxos entre as literaturas de fronteira, como de fato ocorreu no Sul do país, na tentativa de isolar comunidades interliterárias do Cone Sul: Brasil, Uruguai e Argentina, segundo demonstra com propriedade Léa Masina em “A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo”:

A convivência, historicamente conflituada, com os países vizinhos, o Uruguai e, principalmente, a Argentina, está na origem da cegueira crítica que impediu o exame isento de uma questão óbvia: a leitura e a circulação, nos meios intelectuais gaúchos, de autores uruguaios e argentinos, comprados em livrarias das cidades vizinhas, ou mesmo em Buenos Aires e Montevideu, cidades que, pela cultura, lazer e comércio, atraíam uma parcela significativa de negociantes e estancieiros gaúchos. Assim, um livro modesto, o *Martín Fierro*, de José Hernández, era recitado de memória, onde a peonada se reunia para ouvir a leitura e *charlar* livremente, após a lida campeira. Segundo cronistas e historiadores, a edição da primeira parte do *Martín Fierro*, conhecida vulgarmente como *La Ida* (a segunda será *La Vuelta*) alcançou tiragens que ultrapassaram os 40 000 exemplares. (Masina, 2002, p. 102).

4 – Um gosto de guavira: É bem Mato Grosso do Sul

À guisa de conclusão, quero eu próprio pensar “o lugar”, pensar do meu lugar metaforicamente enquanto espaço, que é nominado como o regional, o local, o próprio, o particular, tópicos esses que demandam, por sua vez, sempre seu contrário; pensar na idéia de que eu falo, penso e existo a partir de um lugar.¹⁰ Assim, retomo as palavras do poeta do Pantanal, Manoel de Barros, através da imagem dos “deslimites do vago”, pela razão maior do lugar desta enunciação:

No Pantanal ninguém pode passar régua [...] A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites. [...] Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cortado. Nem quase não tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos. (Barros, 1985, p. 31).

¹⁰ Para esta Conclusão, contribuiu o “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”, de Edgar Nolasco. Ensaio apresentado na X Semana de Letras “Povos do Pantanal” da UNIDERP. Campo Grande. 2006. Mimeografado.

Lugares onde as coisas acontecem através do “não-movimento”: Elas apenas aparecem. Imagens do visto e do que se vê, em um tempo primordial. Lugares sem limites que tomei como metáfora do que aqui se quis dizer, na e da perspectiva teórico-crítica que discuti no espaço deste texto e de um *locus* de enunciação específico.

Pensar sob a condição de um “vidente dos pantanais”, onde muito pouco ou quase nada acontece. Como diz ainda Manoel de Barros “As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem”. (p. 33). No texto “Manoel por Manoel”, de seu último livro,¹¹ o poeta recoloca sua voz enunciativa:

Então, eu trago [...] a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido, onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. (Barros, 2006, p 21).

Evocando também o ponto alto das reflexões de Achugar, ao sublinhar **em que medida a transformação na construção das identidades locais está regida pela tradição, pelo rito, ou pela inércia – e não pela globalização**. Pensar a heterogeneidade própria e histórica de nossos países mediante a qual nossas tradições e heranças culturais permitem combinar, misturar, hibridar, transculturar o hambúrguer do McDonalds com o mate uruguaio, o chimarrão e o tereré tal como ainda agora fazemos na fronteira Brasil – Paraguai. Pensar assim a imagem de uma Babel, como no recente filme de Alejandro González Iñárritu (2006), lugar que nos ensina a ver para **além dos binarismos**.

Nesta Babel, parece haver lugar para a presença, para a “permanência” da figura do vaqueano Blau Nunes que narra os *Contos gauchescos*, de Simões Lopes Neto e mais os tantos “tropeiros” humildes do *Antônio chimango*; evocando ainda, *last but not least*, o clássico *Tropas e boiadas* (1950) do regionalista goiano Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), essa jóia fundamental e pedra de toque da literatura regionalista brasileira no melhor padrão de Simões Lopes Neto e Afonso Arinos, que voltou a ser publicada, em edição primorosa, mais de 50 anos depois da sua última edição. (Lacerda Ed., 2003, 191p.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- [1] ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, 378p.
- [2] ASSUNÇÃO, Paulinho. James Wells ou o sertão à espera de Rosa. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n.11, mar. 1996. Suplemento Literário, p. 14-15.
- [3] BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, 94p.
- [4] BOLLE, Wille. O sertão como forma de pensamento. In: ANDRADE, A. L. ; CAMARGO, M.L.B. ; ANTELO, R. (Org.). *Leituras do ciclo*. Ilha de Santa Catarina: Abralic, 1999, p. 255-266.
- [5] BONIATTI, Ilva M. *Literatura comparada: memória e região*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000, 125p.
- [6] BORGES, Jorge Luis; GERRERO, Margarita. *O “Martín Fierro”*. Porto Alegre: L&PM, 2005, 98p.
- [7] CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: MORENO, César F. (Coord.). *América latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 343-362.

¹¹ BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas para crianças / Manoel de Barros ; ilustradas de Martha Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006. 23p.

- [8] CARVALHAL, Tania Franco. Interfaces da Literatura Comparada. In: SANTOS, P.S.N. (Org.). *Literatura Comparada: Interfaces e transições*. Campo Grande: Editora UFMS / Editora UCDB, 2001, p.11-20.
- [9] CARVALHAL, Tania Franco. Relendo “O gaúcho a pé”. In: MASINA, L. ; APPEL, M.B. (Org.). *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- [10] CARVALHAL, Tania Franco. Periodização e regionalização literárias. In: _____. *O próprio e o alheio – Ensaio de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p.109-124
- [11] CLEMENTE, Elvo. Regionalismo e localismos. In: FLORES, H.A. Hübner. (org.). *Regionalismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Círculo de Pesquisas Literárias / Nova Dimensão, 1996, p.13-24.
- [12] COSSON, Rildo. “Notas à margem de uma fronteira móvel”. In: CONTINENTE Sul/Sur, Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro, 1998, v.7, p.85-94.
- [13] DINIZ, Dilma C.B. ; COELHO, Haydée R. “Regionalismo”. In: Figueiredo, E. (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 415-433.
- [14] LINS, José Pereira. *O sol dos ervais – Exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. Dourados: Editora Dinâmica, 2002.
- [15] MASINA, Léa. “Fronteiras do Cone Sul: Limites transcontextuais”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 3., Niterói, *Anais...* Niterói: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1995, p. 839-846.
- [16] MASINA, Léa. A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo. In: MARTINS, M.H. (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- [17] MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: A política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 405p.
- [18] PALERMO, Zulma. El constructo “región literária”: problemas y perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 4, São Paulo, *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1994, p.1093-1101.
- [19] RAMALHO, Christina. A reintegração histórica através do lirismo sintético – Raquel Naveira. In: _____. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005, p.141-150.
- [20] RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2003, 191p.
- [21] ROCCA, Pablo. Las comarcas culturales latinoamericanas (discusión de una hipótesis Ángel Rama). In: JOBIM, José Luis, et alii. (org.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p.152-165.
- [22] ROUANET, Maria Helena. Nacionalismo. In: JOBIM, José Luis. (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p.9-30. (Série Ponto de Partida, 1).